

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal (Belém - PA)

Class.: 12

Data: 18.07.90

Pg.: _____

Índios e brancos podem entrar em conflito na Transcarnetá

Produtores rurais, fazendeiros e posseiros querem reerguer a ponte destruída pelos assurinis. O clima é de tensão em Tucuruí.

Um conflito de graves conseqüências pode eclodir a qualquer momento entre índios e brancos nas proximidades do quilômetro 18 da rodovia Transcarnetá, no município de Tucuruí. O clima belicoso está se formando por causa de uma ponte que foi destruída, no ano passado, pelos índios Assurini, em represália ao não pagamento da indenização pedida para ressarcir parte do terreno da reserva indígena ocupada pela estrada.

Produtores rurais, fazendeiros e posseiros preparam-se para construir uma ponte provisória, mas também estão se armando para um possível confronto com os índios que impedem o restabelecimento da passagem sobre o rio como uma forma de pressionar as autoridades a pagar a indenização desejada. Está previsto o conflito assim que a ponte for construída, conforme informou ontem o ex-deputado federal Ademir Andrade.

Prejuízos

Ademir Andrade esteve em Tucuruí para obter mais informações acerca do problema, mas constatou que tanto um lado quanto o outro mantêm-se firme no propósito de obter o que pleiteia. Os índios dizem que não deixam reconstruir a ponte enquanto não for paga a indenização. Os brancos alegam que desde a destruição da ponte vêm sofrendo muitos prejuízos.

A estrada Transcarnetá, com uma extensão de 220 quilômetros e inaugurada em 1978, pelo então governador Aluizio Chaves, liga as cidades de Carnetá e Tucuruí, servindo, ainda, os municípios paraenses de Baião, Portel, Mo-

cajuba, Bagre e Oeiras do Pará. A região servida por essa rodovia é densamente povoada e pontilhada por muitas fazendas que produzem pimenta-do-reino, madeira, gado e outras coisas.

Depois de dois anos de reivindicações, os Assurini queimaram a ponte de madeira sobre o rio Trocará, que tinha uma extensão de 100 metros, e não permitem que se refaça a ponte. Para não interromper completamente o intenso fluxo de veículos, foi improvisada uma precária balsa que tem capacidade para transportar apenas um pequeno carro de cada vez. Por ela não passam caminhões e ônibus. Quando chegam naquele trecho, os passageiros saem do carro, atravessam de balsa e apanham outro ônibus no lado oposto. A mesma coisa acontece quando se quer transportar carga entre Carnetá e Tucuruí pela estrada.

Denúncia

Os índios não deixam que a ponte seja reconstruída, mas permitem o uso da balsa, em troca de uma comissão. Todo domingo, os índios vão buscar o "royalty". A travessia, de 50 metros, custa Cr\$ 2 mil — Cr\$ 4 mil ida e volta.

A ponte sobre o rio Trocará, no quilômetro 18 da rodovia Transcarnetá, foi inaugurada em 1978, mas somente dez anos depois é que os índios começaram a reivindicar o pagamento da indenização. No ano passado, antes da destruição da ponte que fica fora de seu território, o então governador Hélio Gueiros ofereceu Cr\$ 20 milhões aos índios, mas eles não aceitaram.

Providências

Desde quando a ponte foi queimada, os habitantes da área de influência da Transcarnetá tentam resolver o problema apelando às autoridades municipais, estaduais e federais. A Associação dos Produtores Rurais de Tucuruí e a Cooperativa Vale do Tocantins enviaram documento ao presidente da República, ao ministro da Justiça e ao governador do Estado apelando por uma solução.

"Diante da inércia e insensibilidade das autoridades municipais e estaduais concededoras do problema, que nada fazem até o momento para solucioná-lo, apelam a Vossa Excelência, como recurso extremo, no sentido de que sejam tomadas imediatas providências para liberação da estrada, determinando à Funai que desenvolva urgentes negociações com a tribo dos Assurini, cuidando-se paralelamente da reconstrução da ponte incendiada pelos indígenas, que alegam ter agido em represália ao não atendimento de suas reivindicações", diz o documento enviado ao presidente Fernando Collor.

Mais adiante, o documento diz: "A situação chegou a um ponto crítico, quando já se esgota a nossa paciência, face à longa espera em que passamos assistindo a perda de nossas safras e o sacrifício imposto à própria pessoa humana, cujo sofrimento se agrava em razão da ruptura de uma via de transporte de vital importância para a região".

Confronto

São, ainda, os produtores rurais de Tucuruí que fazem um alerta ao presidente da República: "A tensão criada poderá levar os proprietários de terra ao desespero e provável confronto com os índios, gerando, além de outras conseqüências, repercussões desfavoráveis e ônus pesado para o governo. Lamentável o descaso governamental diante de um problema como este, num país com aspiração a alcançar o status de Primeiro Mundo".

Ao se inteirar dos detalhes do problema, in loco — teve oportunidade de fotografar a ponte destruída e a balsa que serve precariamente de ligação entre um e outro lado do rio Trocará — Ademir Andrade fez um apelo "ao presidente da Funai, ao ministro da Justiça, ao presidente da República, e principalmente ao governador do Pará, para que solucione a questão, especialmente levando em consideração o documento da Associação dos Produtores Rurais de Tucuruí e da Cooperativa Vale do Tocantins".